



**A COMPLEXIDADE DA MORTE:
a morte e seu significado diante da compreensão humana. Como educar para
compreendê-la melhor?**

Eva Aparecida dos Santos Ribeiro*

Edison Antônio de Souza**

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo a análise de como trabalhar com o tema da morte no ambiente escolar. Buscando compreender como a morte é explicada para as crianças e como ela pode ser entendida pelas mesmas. A referida pesquisa foi desenvolvida no município de Sinop/MT no período do mês de fevereiro a agosto de 2011. Definido o método de trabalho como estudo de caso e a coleta de dados foram feita através do caderno de campo, questionários e entrevistas semi estruturadas gravadas com pastor, padre, psicólogos e professoras. O referencial teórico está na base do pensamento de Elisabeth Kübler-Ross que nos orientou em sua teoria a refletir sobre a morte e o morrer. Maria Júlia Kovács que discute a morte e o desenvolvimento humano e Carlos Rodrigues Brandão entre outros autores discutem o que é educação. O resultado dessa pesquisa contempla que a morte é parte de um ciclo natural e que sempre acompanhou as culturas seguindo o homem desde seu nascimento. É o destino do qual não podemos fugir. O preparo e bom senso do professor é o elemento chave para que as questões sobre o tema da morte possam ser mais bem abordadas. Mas em nossa pesquisa constatamos que nem todas as escolas estão preparadas para lidar com situações que envolvem a morte. Dependendo da situação da criança em relação à morte, necessita em conjunto com a escola e família um acompanhamento psicológico.

Palavras-chave: Educação. Morte. Família.

* Acadêmica do 7º semestre do Curso de Pedagogia, *campus* Universitário de Sinop, UNEMAT. Pertence ao grupo de orientação do professor Dr Edison Antônio de Souza.

** Docente e Pesquisador do *campus* Universitário de Sinop - UNEMAT.

1 INTRODUÇÃO

O tema deste artigo, **A Complexidade da Morte** enfoca a maneira pela qual o homem trabalha com este fenômeno humano inevitável, percebendo os mecanismos psicológicos que entram em ação quando o homem se encontra diante da morte, a partir de seu desenvolvimento educacional dentro do ambiente escolar. Segundo Callia (2005) “o tema morte tem um poder forte para mobilizações, e por esse motivo deveremos ter cuidado e responsabilidade para que esse evento não seja utilizado como espaço para vivência e catarses pessoais”. Nessa pesquisa procuramos da melhor forma favorecer o desenvolvimento pessoal e cognitivo, considerando assim essa analogia homem/morte que vem sendo transformada na medida em que as civilizações se transformam.

A escolha desse tema surgiu de experiências familiares e da busca de respostas para sanar as dúvidas. Assim como questionamentos que persistem em repercutir a todo o momento sobre a morte e do fato de como o homem a enfrenta. Ao longo dos tempos, a escola tornou-se como instituição especializada em ensinar, com professores preparados para lidar com a polêmica e a relação entre a aprendizagem e o processo educativo. Atualmente as escolas não podem mais se fechar aos dramas da realidade como por exemplo a devastação ambiental, o racismo, as drogas, a violência, a gravidez precoce, as percas familiares dos alunos, entre tantos fatos irrelevantes. As metas educativas não poderia ser mera sucessão de ensinamentos pré determinados, a educação do futuro clama pela aproximação entre o ser e o saber, pelo rompimento dos muros que separam a escola e o mundo. Nesse sentido, professores, como a Escola ao todo deveriam estar preparados para compreender e lidar com os problemas que acontecem no cotidiano escolar e com os alunos.

Esse questionamento foi o que moveu a pesquisa, aberta para as opiniões de pessoas com diferentes pensamentos, como padre, pastor, professoras, psicólogos e pais. O trabalho foi realizado no município de Sinop/MT. Com entrevistas gravadas e questionários semi estruturados, referentes à morte e de como cada uma dessas pessoas pensam sobre seu conceito do que é a morte. Com objetivo de esclarecer dúvidas e encontrar respostas sobre como a morte vem mudando no decorrer da história, sociedades e na educação.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para esse estudo foi entrevistas com questões semi-prontas que durante as entrevistas elas foram se completando e gravadas em um gravador de voz e os

questionários entregue aos que preferiram responder por escrito. As questões seguiam um roteiro de idéias referentes à educação sobre a morte e como cada entrevistado pensa sobre esse tema, e, como educar para que as pessoas possam compreender e aceita-la. As entrevistas foram agendadas antecipadamente, realizadas tanto no local de trabalho do entrevistado e via email. Algumas pessoas preferiram responder o questionário, tendo assim mais de tempo para a elaboração das respostas. Foram respondidas todas as questões tanto durante as entrevistas como as do questionário.

Utilizou-se além de revisão bibliográfica de relatos históricos e reflexões de alguns teóricos e leituras de artigos referentes como se pode educar para a morte. E consecutivamente analisando de como poder desmistificar os aspectos da morte dentro da historia e como trabalhar sobre esse tema dentro de sala de aula e da família.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

E os seres humanos na fase da sua vida sofrem diferentes experiências e reagem de diferentes formas a cada uma delas. Como afirma Papalia e Olds (2000, p.489):

A morte torna-se uma preocupação inevitável nesse último capítulo da vida. Ao examinarmos como as pessoas de diferentes idades enfrentam a morte e o luto, vemos que ela é um elemento integrante do ciclo da vida e que compreender isso nos ajuda a compreender a integridade da vida.

A educação sofre mudanças cotidianas seja de formas mais simples ou radicais, seguindo o grupo o qual ela esta inserida dentro da sociedade, a educação esta em todo o lugar seja no ambiente familiar ou escolar. Segundo Brandão (1993, p.11):

A educação ajuda a pensar tipos de homens, mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar uns para os outros o saber que o constitui e legitima. Produz o conjunto de crenças e idéias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto constroem tipos de sociedades.

Na Grécia Antiga, a educação chamada de Paidéia, iniciou-se como comunitária, mas com o desenvolvimento da sociedade se tornou exclusiva, onde havia uma educação para nobres, outra para plebeus e nenhuma para os escravos, e assim surge à figura do pedagogo, que é um escravo doméstico que além de conduzir as crianças nobres à escola também era responsável pela sua educação. E a criança era educada para se adaptar as regras da sociedade como um todo. Segundo Aranha (1993, p.40):

O conhecimento é o pensamento que resulta da relação que se estabelece entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido. A apropriação intelectual do objeto supõe que haja regularidade nos acontecimentos do mundo; caso contrário, a consciência cognoscente nunca poderia superar o caos. O conhecimento pode designar o ato de conhecer, enquanto relação que se estabelece entre a consciência que conhece e o mundo conhecido. Mas o conhecimento também se refere ao produto, ao resultado do conteúdo desse ato, ou seja, o saber adquirido e acumulado pelo homem. Na verdade, ninguém inicia o ato de conhecer de uma forma virgem, pois esse ato é simultâneo à transmissão pela educação dos conhecimentos acumulados em uma determinada cultura.

Hoje em dia as escolas teriam que ter uma forma de preparar os professores para saber lidar com problemas diversos. Prepará-los com sabedoria e sensibilidade para o assunto da morte, no momento de fragilidade do aluno sobre a perda de um familiar. Mas atualmente a educação engloba os processos de ensinar e aprender. É um acontecimento observado em qualquer sociedade e nos grupos onde se está inserido, onde se é responsável pelo seu custeamento e perpetuação a partir da adaptação das gerações que se seguem.

Ao longo dos tempos, a escola tornou-se como instituição especializada em ensinar, com professores preparados para lidar com a polêmica e a relação entre a aprendizagem e o processo educativo. Hoje as escolas não podem mais se fechar aos dramas de nossa realidade como por exemplo a devastação ambiental, o racismo, as drogas, a violência, a gravidez precoce, as perdas familiares dos alunos, entre tantos fatos irrelevantes.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Muitas perguntas têm deixado confusas não somente as crianças, mas também os adultos que tentam assim achar respostas; muitas vezes buscadas nas religiões, nas ciências, nas artes e na filosofia, entretanto, nenhuma delas apresentam respostas completas. É sobre esses questionamentos e reflexões, sobre a busca de definição à vida que a morte pode proporcionar, e é sobre essa particularidade humana de questionamentos e de autoconhecimento, tentando assim procurar respostas concretas e de como lidar com a morte.

Segundo respostas da Professora de Alfabetização (PA), diz aos alunos nesse momento,

(01) PA: procuro primeiramente atingir o emocional, o lado religioso a fé. Não somos preparados, o que eu tento nas minhas conversas é passar o que acredito diante da minha fé religiosa, pois por mais difícil que seja a situação com Deus o peso fica mais leve.

A educação é entendida como ampliação pessoal, pode fazer parte do aprimoramento e cultivo do ser, envolvendo comunicação, relacionamentos, e de como superar as perdas e lidar com as situações-limite, como, por exemplo: etapas do desenvolvimento, perda de pessoas significativas ocorridas por doenças, acidentes, e até mesmo se preparar para própria morte. Mesmo que essas mortes permaneçam tão próximas, acontece grave comoção no entendimento que chamamos conspiração do silêncio; observam-se pais que não sabem se devem falar ou não sobre a morte de um parente próximo, professores que se vêem às voltas com perguntas persistentes sobre mortes de ídolos, de animais de estimação, de amigos, não sabem o que e como falar com os alunos sobre o porquê da provável morte. Essas são questões cruciais.

E a importância de abordar o tema da morte está vinculada ao fato de que, ao falar desta, estamos falando de vida e, ao falar de vida, se revisa como se deve aproveitar, ou seja, a qualidade da mesma acaba sendo revista. Em parte o assunto morte vem diminuindo, e cada vez mais sendo camuflada principalmente a partir do século XX: tornando reprimida, vergonhosa e escondida uma inimiga a ser vencida a qualquer custo. Quanto mais se nega a morte, mais ela está presente e se faz presente por meio da violência urbana, pelas doenças que estão cada vez mais graves, do suicídio e das guerras constantes.

Por isso a necessidade do tema morte tem que estar presente nas escolas, não somente no momento em que algum aluno esteja passando por esse momento de perda, mas de forma natural como qualquer outro assunto, fazendo assim que as crianças tenham consciência de que a morte de alguma forma faz parte do ciclo vida. Esse trabalho pode ser utilizado como exemplo os próprios desenhos ou filmes que eles assistem, explicando a assim de forma tranqüila e sem medo de falar. Em outra opinião da Professora de Alfabetização, sobre levantar esse assunto em sala, ela diz que,

(02) PA: Nunca. Só em caso informações, conversaçã sobre fulano morreu. Mas nunca para discutir sobre a naturalidade da morte como acontece com a naturalidade do nascimento.

Os professores utilizaram como argumento a falta de preparação, dizendo que discutir a morte não é tarefa fácil nem para a família nem para a escola.

São incomuns os pais que ensinam os filhos para encarar perdas, e raros as escolas que estimulam discussões sobre o assunto, acreditando-se que o tempo se encarregará de ensinar.

Consisti em falar que nossa vivência é finita, é uma excelente oportunidade para dialogar e deixar que a turma estabeleça opinião como o que é a vida ou a morte.

A morte é parte de um ciclo natural, que sempre acompanhou as culturas desde seu início e segue o homem desde seu nascimento. É o destino do qual não podemos fugir. O homem, desde os tempos mais remotos, sucessivamente se relacionou com a morte.

Cada cultura institui a sua própria maneira de agir a cerca da morte, passando de geração para geração como agir a respeito e como aceita-la, criando rituais e crenças singulares. No entanto, o temor e o anseio de transcender a morte sempre estiveram presentes. Ainda assim, a morte era vivenciada como o destino de todas as almas.

As crianças e adolescentes como ocorrem em qualquer outra faixa etária, reagem diferentemente diante das adversidades e necessidades adaptativas, são diferentes na maneira de lidar com as tensões da vida. É exatamente nessas fases de provação afetiva e emocional que vêm à tona as características da personalidade de cada um, as fragilidades e dificuldades adaptativas. E erram alguns professores menos avisados, ao considerar que todas as crianças devessem sentir e reagir da mesma maneira aos estímulos e às situações como a sensibilidades afetivas, traços de retraimento e introversão se corrigiriam diante desses ‘desafios’ ou diante da possibilidade do ridículo. Na realidade podem piorar muito o sentimento de inferioridade, a ponto da criança não mais querer freqüentar aquela classe ou, em casos mais graves, não querer mais ir à escola.

Entre as questões que traduzirem em problemas emocionais, encontra as dificuldades adaptativas da Adolescência, e das crianças que sofrem muitas vezes de problemas familiares, os problemas relativos à Criança Adotada, à Gravidez na Adolescência, à Violência Doméstica, aos problemas das separações conjugais dos pais, morte na família.

5 CONCLUSÃO

Cabe aos professores cuidar nas reações das crianças que sofrem perdas, podendo ter alguns fatores aflitivos do dia-a-dia. Ao receber o aluno, diga que você sabe que ele perdeu uma pessoa querida e que está à disposição para conversar. Acolher e dar carinho são os melhores alívios nessa hora. Exponha que a morte não é um castigo, mas um acontecimento natural. Não reduza a gravidade do momento dizendo que a pessoa agora está no céu ou que foi viajar. Esclarecimentos ilusórios evitam que o aluno faça perguntas, mas cria angústias e mascaram o problema. E fiquem atentos as reações do estudante como tristeza e queda no rendimento escolar que são naturais, nesse momento sejam pacientes e prudentes ao fazer as

cobranças, o importante é que ajude essa criança a superar este momento triste, e volte a sentir-se segura e bem cuidada.

E não somente a escola é responsável por isso a família sempre deve estar em comunicação e trabalhar em casa com a criança lhe dando amor, carinho e compreensão. Porque as inconstantes variações do funcionamento familiar, também podem influenciar muito a resposta das crianças e adolescentes aos estressores escolares e, conseqüentemente, ao surgimento de algum transtorno emocional. Há uma espécie de efeito de proteção exercido pelos bons relacionamentos familiares que se estende até a adolescência.

Compreendendo que o reparo e bom senso do professor é o elemento chave para que essas questões possam ser mais bem abordadas. A problemática varia de acordo com cada etapa da escolarização e, principalmente, de acordo com os traços pessoais e personalidade de cada aluno.

LA COMPLEXIDAD DE LA MUERTE:

La muerte y su significado ante la comprensión humana - Como educar para comprenderla mejor?

RESUMEN¹

El presente artículo tiene por objetivo el análisis de cómo trabajar con el tema de la muerte en el ambiente escolar. Buscando comprender cómo la muerte es explicada a los niños y cómo puede ser entendida por los mismos. Esta investigación fue desarrollada en el municipio de Sinop/MT en los períodos de febrero y agosto del 2011. Definiendo el método de trabajo como estudio de caso y el relevamiento de datos fueron realizados a través del cuaderno de campo, cuestionarios y entrevistas semi estructuradas grabados por un pastor, padres, psicólogos y profesoras. El referencial teórico está en la base del pensamiento de Elisabeth Kübler-Ross que nos orienta en su teoría en la reflexionar sobre la muerte y el morir. María Julia Kovács que discute sobre la muerte y el desarrollo humano y Carlos Rodrigues Brandão entre otros autores discuten lo que es la educación. El resultado de esa investigación contempla que la muerte es parte de un ciclo natural y que siempre acompaña las culturas siguiendo al hombre desde su nacimiento. Es el destino del cual no podemos huir. La confección del censo por un profesor es el elemento clave para que las cuestiones sobre el tema de la muerte puedan ser abordadas adecuadamente. Pero en nuestra investigación

¹ Tradução pela professora Maria de Lourdes Alves Bedendi, Doutoranda da UNICYO de Mendoza/AR. (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

constatamos que no todas las escuelas están preparadas para lidiar con situaciones que involucren la muerte. Dependiendo de la situación del niño en relación a la muerte, necesita en conjunto con la escuela y familia un acompañamiento psicológico.

Palavras llave: Educación. Muerte. Família.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia. *Filosofando*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Coleção Primeiros Passos).

CALLIA, Marcos H. P. Introdução. In: OLIVEIRA, Marcos Fleury de; CALLIA, Marcos H. P. (orgs). **Reflexões Sobre a Morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

KLEIN, Melanie (1959). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: _____. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KOVÁCS, Maria Júlia. Representações de Morte. In: KOVÁCS, Maria Júlia (Org.). **Morte e desenvolvimento humano**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

_____. Morte no Processo de Desenvolvimento Humano: a criança e o Adolescente Diante da Morte. In: KOVÁCS, Maria Júlia (org.). **Morte e desenvolvimento humano**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é Morte**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

OLIVEIRA, Abílio. **O desafio da morte**. Lisboa: Editoriais Notícias, 1999.

PAPALIA, D.; OLDS, S. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

WALSH, Froma; MCGOLDRICK, Monica (Org.). **Morte na família: sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.